

NIKOLAS CORRENT
SILVÉRIA DA APARECIDA FERREIRA
(ORGANIZADORES)

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof.ª Dr.ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof.ª Dr.ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof.ª Dr.ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof.ª Dr.ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof.ª Dr.ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof.ª Dr.ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof.ª Dr.ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof.ª Dr.ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Dr.ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof.ª Dr.ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: repertório de referências culturais e históricas 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Nikolas Corrent
Silvéria da Aparecida Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: repertório de referências culturais e históricas 2 / Organizadores Nikolas Corrent, Silvéria da Aparecida Ferreira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0740-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409220411>

1. História. 2. Patrimônio cultural. I. Corrent, Nikolas (Organizador). II. Ferreira, Silvéria da Aparecida (Organizadora). III. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “História: repertório de referências culturais e históricas 2” apresenta uma coletânea de artigos acadêmicos que oferecem importantes e criteriosas reflexões acerca da pluralidade de recortes temáticos, fontes, bem como das múltiplas possibilidades de se buscar entender culturas e sociedades situadas nas mais variadas temporalidades.

Procuramos inserir o encadeamento dos textos em uma lógica provida de certa linearidade temática tratada pelos(as) autores(as), sem obedecer a esquemas cronológicos rígidos.

Os(as) leitores(as) dessa obra terão contato com discussões historiográficas em torno da Teoria da História; ensino de História; e Patrimônio Cultural. Essa miscelânea de produções acadêmicas adiciona a oportunidade de difusão em diferentes âmbitos da sociedade, os quais estão envoltos com o interesse público e a necessária consideração sobre cidadania nos tempos contemporâneos.

A organização do livro nos permite apreciar nos primeiros capítulos discussões acerca da Teoria da História e do seu ensino, assim pondera sobre modificações na historiografia e apresenta investigações sobre o trabalho e a profissionalização docente. Na sequência, as pesquisas oferecem análises sobre o Patrimônio Cultural, formas de resistência no medievo e as possibilidades de escrita a partir de narrativas pessoais. Nos últimos textos nos deparamos com problematizações que abordam as relações de poder a partir de mecanismos de controle, sejam eles na coação por órgãos institucionais, pela prisão a padrões de beleza socialmente idealizados, ou refletindo sobre o medo da morte e de doenças em tempos históricos distintos.

Assuntos diversos e convergentes. Perpassa por todos os textos a preocupação com investigações científicas na área da História, na qual sujeitos e fontes ignorados pela história tradicional assumem papel de protagonismo nas pesquisas.

A profundidade da produção dos saberes históricos assinala para a necessidade de se considerar os diálogos – os quais possuem rupturas e permanências – que diferentes épocas mantêm. Consideramos essa obra propositiva no incentivo a novas formas de condução do conhecimento histórico, convidamos a leitura crítica e atenta, mantendo o espírito científico de propagação e transformação do conhecimento.

Boa leitura!

Nikolas Corrent
Silvéria A. Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

TRABALHO DOCENTE E ENSINO DE HISTÓRIA: OS USOS DOS CONCEITOS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A APRENDIZAGEM HISTÓRICA

Marcela Costa Bem

Paula Cristiane de Lyra Santos

Rychard Temoteo Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204111>

CAPÍTULO 2..... 15

FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO CONTEXTO DO NEOLIBERALISMO: DESAFIOS ENTRE TEORIA E PRÁTICA

Rychard Temoteo Pinheiro

Maria Arleilma Ferreira de Sousa

Marcela Costa Bem

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204112>

CAPÍTULO 3..... 30

UMA NOVA NAÇÃO? A ATUAÇÃO DOS INTELECTUAIS NAS COMEMORAÇÕES DO CENTENÁRIO DE INDEPENDÊNCIA DA ARGENTINA

Camila Bueno Grejo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204113>

CAPÍTULO 4..... 48

PERCEPÇÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL DE PRESIDENTE KENNEDY – ES: MEMÓRIAS PARA VALORIZAÇÃO

Michele Biazate Gomes

Italla Maria Pinheiro Bezerra

Nathalya das Candeias Pastore Cunha

Fabiana Rosa Neves Smiderle

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204114>

CAPÍTULO 5..... 60

LEGITIMAÇÕES DE RESISTÊNCIA EM TEXTOS DE CANTIGAS ALBAS

Maria do Carmo Faustino Borges

Clarice Zamonaro Cortez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204115>

CAPÍTULO 6..... 73

O NÃO PERTENCIMENTO NOS ENSAIOS DE HERTA MÜLLER: EXÍLIO, LINGUAGEM E ESCRITA DA HISTÓRIA EM QUESTÃO

Manuel Batista de Sá Filho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204116>

CAPÍTULO 7	88
“NÃO ESTÁ DIREITO” – ESTRATÉGIAS DE CONTROLE E FISCALIZAÇÃO EM FEIRA DE SANTANA-BA (1909-1940)	
Magno de Oliveira Cruz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204117	
CAPÍTULO 8	104
A PAULICÉIA IDEALIZADA: A CIDADE E OS CORPOS ENTRE A BELEZA, A SAÚDE E A CIVILIZAÇÃO	
Márcia Barros Valdívia	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204118	
CAPÍTULO 9	116
CIDADES SITIADAS: REPRESENTAÇÕES DO MEDO DA MORTE E DAS ENFERMIDADES NA PANDEMIA DO COVID-19 E NAS CHARGES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL	
Élcia de Torres Bandeira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092204119	
SOBRE OS ORGANIZADORES	130
ÍNDICE REMISSIVO	131

A PAULICÉIA IDEALIZADA: A CIDADE E OS CORPOS ENTRE A BELEZA, A SAÚDE E A CIVILIZAÇÃO

Data de aceite: 01/11/2022

Márcia Barros Valdívia

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
<http://lattes.cnpq.br/3565840568511838>

RESUMO: Este texto traz parte das reflexões da pesquisa de pós-doutorado realizada no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC/SP. O artigo aborda sobre os discursos e as ações da eugenia, do higienismo e do sanitarismo na cidade de São Paulo e suas intervenções no corpo cidadão através do urbanismo e da arquitetura. As referidas áreas da medicina fizeram interferências, também, no corpo humano na busca pela formação do indivíduo belo e saudável mediante as práticas de embelezamento e do consumo de produtos para essa determinada finalidade. Dessa forma, médicos aliados ao Estado e a outros setores da hegemonia projetaram uma imagem idealizada a respeito da civilização e da modernidade brasileira através das principais cidades do país como o caso de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade; corpo; beleza.

THE IDEALIZED PAULICEIA: THE CITY AND THE BODIES BETWEEN BEAUTY, HEALTH, AND CIVILIZATION

ABSTRACT: This article brings part of the reflections of the postdoctoral research carried out in the Postgraduate Studies Program in

History of the Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. The article discusses the actions of the eugenics, hygienism, and sanitarianism in the city of São Paulo and its interventions in the urban body through the concepts of urbanism and architecture. These medicine fields also interfered in the human body in the searching process for the formation of a beautiful and healthy individual through the practices of beautification and consumption of products for this particular purpose. Therefore, doctors allied to the State and other sectors of hegemony projected an idealized image of a Brazilian civilization and modernity through the country's main cities such as São Paulo.

KEYWORDS: City; human body; beauty.

A CIDADE DE SÃO PAULO ANTES DOS ANOS 20

Entre o final do século XIX e primeira metade do século XX, a cidade de São Paulo, entre outras, como a do Rio de Janeiro, capital da república, foram modelos expressivos da Belle Époque no Brasil. Inspiradas nos modelos do urbanismo Haussmaniano, as cidades belas e higienizadas, como São Paulo no período, foram o cenário para que as elites pudessem viver e exibir-se também como belas e burguesas. A arquitetura, nesse período, recebeu os desdobramentos do estilo expresso no ecletismo arquitetônico como, por exemplo, na beleza da Art Nouveau e, posteriormente, da Art Déco. Para fazer uma cidade bela e

saudável, muitas exclusões sociais ocorreram e demarcaram a posição social de diversos grupos na cidade.

A Belle Époque brasileira teve seu início entre o final da década de 70 do século XIX e desenvolveu-se até a década de 20 do século XX. Entretanto, é importante pensar que não é possível demarcar o período de forma tão rigorosa, uma vez que os aspectos culturais desse estilo de vida podem ser encontrados em alguns anos anteriores e, também, posteriores à referida temporalidade. Naquele contexto houve a europeização dos hábitos e costumes na sociedade brasileira. Com isso, a arquitetura e a engenharia dialogaram com o discurso médico, no qual o significado do belo estava vinculado à ideia de saúde e vice-versa. Sendo assim, esses dois conceitos caminhavam juntos no corpo citadino e no corpo humano, sobre os quais homens e mulheres deveriam cumprir os rituais de toalete¹ e aplicar em suas vidas os aconselhamentos da medicina.

Os espaços de moradia como os bairros, os locais de lazer, as confeitarias, os parques, os teatros, entre outros, demarcaram os territórios de requinte, de refinamento, de beleza e salubridade que foram ocupados e frequentados pela elite em oposição àqueles considerados deteriorados, feios e insalubres como as moradias dos bairros operários, os cortiços, os botequins, os portos, entre outros.

Os discursos dos médicos que atuaram efetivamente no combate às doenças infectocontagiosas, justifica a intervenção de forma aguerrida na cidade de São Paulo, a qual permaneceu com aspectos rurais até por volta do ano de 1870. A variedade da documentação histórica referente a essas intervenções repete e enfatiza temas sobre as ações higienistas e sanitaristas como necessárias. As ações dos higienistas e sanitaristas na saúde pública no Estado de São Paulo foram divididas em três fases: a primeira entre os anos de 1840 e 1890 com propostas e ações de sanear o meio ambiente; a segunda entre os anos de 1890 e 1910, período de ação contra as doenças infectocontagiosas através de bases científicas pautadas no saber da bacteriologia; e a terceira que corresponde ao pós 1910, momento que, durante a década de 20, atuou conjuntamente com os discursos e ações da eugenia, período este em que as três áreas médicas tiveram intensa afinidade.

As reformas urbanas com bases higienistas e sanitaristas na cidade de São Paulo tiveram início na segunda metade do século XIX, e foi a partir da primeira década do século XX que os eugenistas começaram a dialogar com seus pares das áreas da higiene e do sanitarismo. Com isso, houve especificidades na medicina eugênica que foram divididas entre positivas e negativas. A primeira com caráter preventivo e a segunda de caráter mais invasivo. As fontes demonstram que a eugenia positiva visava a educação e o incentivo da procriação de pessoas consideradas aptas para o melhoramento da raça, já a eugenia negativa propunha evitar a proliferação dos incapazes com projetos de esterilização.

Sendo assim, no primeiro momento que corresponde à década de 10 e à década

¹ A palavra toalete do francês *toilette* corresponde ao ato de lavar, pentear, maquiar e vestir para apresentar-se publicamente, ou cuidar do corpo e da face para poder repousar em um ambiente privado como o quarto.

de 20, sanear correspondia ao ato de eugenizar. Apesar das discussões e do movimento eugenista de forma geral ter abordado temas como o casamento, a maternidade, a proteção da infância, os tipos raciais, a proteção nacional, a imigração, as doenças venéreas, as doenças mentais e os arquivos genealógicos, não houve unanimidade do pensamento médico eugenista e, portanto, os discursos foram polifônicos. Dessa forma, para melhor delimitar a análise das fontes, o presente artigo foca no período em que cuidar da higiene significava cuidar da eugenia.

Quando o assunto é eugenia no Brasil, o nome de Renato Ferraz Kehl é, sem dúvida, de intensa visibilidade. Em 1909, com vinte anos, formou-se em farmácia pela Escola de Farmácia de São Paulo e, em 1915, com vinte seis anos, concluiu o curso de medicina pela faculdade de medicina do Rio de Janeiro.

No final da década de 20, houve mudanças no pensamento e na ação de Renato Kehl e de seus pares, nas quais as ações higiênicas sanitaristas não bastavam para alcançar os objetivos de gerar seres humanos eugênicos e, como consequência disso, alcançar a melhoria da raça. Kehl afirmou em seus estudos que o conceito de eugenia não correspondia ao conceito de eugenismo, uma vez que o eugenismo refere-se à educação e às melhorias de condições de higiene pessoal e ambiental derivadas da salubridade das moradias.

Para elucidar o cenário das respectivas ações da medicina na cidade de São Paulo é importante dizer que, em 1872, a população chegou à aproximadamente 32 mil habitantes, e apenas 20 mil pessoas moravam no perímetro urbano. A ocupação dessa área não avançava muito além do núcleo colonial inicial no Pátio do colégio, e próximo a essa área ficavam as casas, os casebres e os estabelecimentos comerciais.

Os visitantes e os imigrantes que desembarcaram no porto de Santos encontraram a cidade portuária e a cidade de São Paulo fétidas, sujas e mal iluminadas em contraste com os centros europeus, como Paris, que já havia passado pelas reformas urbanísticas.

Em São Paulo faltavam vários recursos indispensáveis aos centros urbanos que seriam remodelados com inspiração nas cidades europeias. Nos decênios de 1860 e 1870, aspectos e hábitos rurais como a presença de animais circulando pelas vias públicas e a insuficiência de iluminação pública e residencial ainda eram visíveis nas ruas paulistanas. Além disso, o sistema de canalização de águas, o serviço de esgotos, o calçamento regular e a coleta de lixo também eram precários.

Além dos problemas com as águas, as moradias da população em sua maioria eram péssimas devido aos defeitos nas instalações sanitárias e nas construções dos alicerces das casas, o que gerava umidade e proliferação de fungos e bactérias. Problemas como esses também eram encontrados nas casas daqueles que tinham melhores condições financeiras. Por esse motivo, as doenças mais comuns, naquele período, eram: malária, também chamada de impaludismo; varíola, também conhecida como epidemia de bexigas por conta da formação de bolhas pelo corpo do portador da doença; febre tifoide; lepra,

também chamada de morfeia ou mal de Lázaro; tifo, difteria, escarlatina, meningite, tuberculose, cólera, entre outras, além das doenças mentais, psíquicas e sexualmente transmissíveis, como a sífilis, que preocupavam tanto os médicos como a população em geral.

Por conta disso, o ofício do médico e os discursos proferidos pelos estudos da medicina higienista e sanitaria foram aos poucos ganhando status social a ponto de dialogar com outras profissões e esferas de poder, sendo exemplo disso a relação do discurso médico com a engenharia, a arquitetura e o Estado. Como resultado dessa relação, foi elaborada nas cidades uma série de reformas seguindo a arquitetura de estilo eclético que expressava uma mentalidade elitista. Nas fontes foi encontrada a interlocução entre os discursos da eugenia com o higienismo e o sanitarismo. Por esse motivo, é importante entender as tramas dos referidos saberes que se apresentam entrelaçados não somente no Estado e na cidade de São Paulo. Isso é bem esclarecido por Schwarcz (1993):

Nesse momento, conectada à noção de higiene, aparecia a idéia de saneamento: caberia aos médicos sanitaristas a implementação de grandes planos de atuação nos espaços públicos e privados da nação, enquanto os higienistas seriam os responsáveis pelas pesquisas e pela atuação cotidiano no combate às epidemias e às doenças que mais afligiam as populações. No entanto, essa divisão entre sanitaristas responsáveis pelos grandes projetos públicos e higienistas vinculados diretamente às pesquisas e à atuação médica, mas funcionou muitas vezes de maneira apenas teórica. Na prática, as duas formas de atuação apareceram de modo indiscriminado. (SCHWARCZ, 1993, p. 151).²

A partir da segunda metade do século XIX, a paisagem urbana deveria ser bela e higienizada. Para isso, deu-se início a uma série de leis e mudanças que alteraram os espaços citadinos e remanejaram vários sujeitos sociais que tiveram sua presença considerada indesejável em lugares destinados especificamente à elite. São Paulo foi deixando de ser uma pequena província para se tornar uma cidade cosmopolita sendo, dessa forma, inserida no contexto da Belle Époque.

Com isso, a elite paulistana ganhava cada vez mais visibilidade social e, por esse motivo, investia nas remodelações urbanísticas, bem como, em uma série de instituições educacionais e culturais, como o Liceu de Artes e Ofícios, que já tinha sido fundado pela aristocracia cafeeira em 1873 e passou a fazer parte do conjunto arquitetônico da Pinacoteca, construção oficialmente inaugurada em 1905. Outro ícone da construção elitista foi o Teatro Municipal, inaugurado em 1911 em uma estética derivada do neoclássico e do revivalismo europeu, o que deu origem ao estilo eclético.

Naquele processo, o arquiteto Francisco de Paula Ramos de Azevedo e sua equipe tiveram uma enorme visibilidade e construíram diversas obras espalhadas pela cidade. Além disso, é importante mencionar, também, o arquiteto Hipólito Gustavo Pujol Junior e

2 A partir do esclarecimento da autora, a presente reflexão entende a ação dos higienistas e sanitaristas de forma conjunta.

sua equipe, os quais também projetaram e reformaram vários edifícios da cidade. Entre os que foram construídos pelo referido arquiteto destaca-se o Edifício Guinle, elaborado entre os anos de 1912 e 1916, foi inaugurado inacabado em 1913, este é considerado o primeiro arranha céu da cidade de São Paulo e foi a primeira construção no país a ter sua obra acompanhada pelos técnicos da Escola Politécnica. Outro tipo de investimento da elite foi feito em uma série de instituições na área da saúde.

A criação e a inauguração das instituições ligadas a área da saúde entre o final do século XIX e início do XX somente foram possíveis devido às relações dos intelectuais da área da saúde com as gestões políticas em vigor e, também, com as instituições financeiras de alto gabarito. Através das redes de poderes, foram reforçadas as ações racistas e discriminatórias justificadas como necessárias para a formação da identidade do povo brasileiro, este que deveria ser eugênico³. Essa questão ficou mais acentuada em 1889, após a Proclamação da República.

Todos aqueles que estiveram envolvidos nessas questões convergiam suas ideias através de teses, artigos e estudos diversos. Nas fontes existe uma variedade de nomes envolvidos com a questão da eugenia/eugenismo, do higienismo e do sanitarismo aquelas pessoas tinham ações políticas e foram atuantes como intelectuais engajados na formação do pensamento nacional. Além dos médicos, outros profissionais atuantes como políticos, juristas, advogados, sociólogos, historiadores, antropólogos e literatos pensaram, produziram e registraram discursos em diversos documentos como: livros, artigos, catálogos e manuais que fizeram interlocução com o pensamento político do período.

Diversas especialidades médicas, junto com outros saberes, formaram uma rede com o compromisso de formular teorias e ações que embasassem as práticas eugênicas, higiênicas e sanitaristas. Psiquiatras, ginecologistas, legistas, dermatologistas e imunologistas ao lado de bacteriologistas, microbiologistas, biomédicos, biólogos, zootécnicos, antropólogos, sociólogos, educadores, jornalistas e até escritores e poetas formaram uma base estrutural divulgadora de conceitos que deveriam ser seguidos à risca com o objetivo de formar, com teor científico, a identidade nacional, essa que deveria ter uma imagem repleta de beleza.

Embora a primeira tese doutoral sobre o tema no Brasil com o título de Eugenia tenha sido defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1914 por Alexandre Tepedino orientado por Miguel Couto, houve trocas de saberes entre a intelectualidade carioca e paulista a partir do ano de 1918, quando foi exigido aos alunos do curso de medicina da Faculdade de Medicina de São Paulo a defesa de uma tese doutoral para obtenção do título de doutor na área médica.

O ano de 1918 foi, também, um importante marco para o aprimoramento da eugenia

³ Eugênico refere-se ao indivíduo saudável, aprimorado, que recebeu e também pode transferir hereditariamente as boas características através da constituição genética. O seu oposto é o indivíduo disgênico. Sobre esse assunto também confira: DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: Uma história da Eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

na cidade de São Paulo, pois no dia 15 de janeiro de 1918 foi inaugurada a Sociedade Eugênica de São Paulo nas dependências do Salão Nobre da Santa Casa de Misericórdia, onde também eram realizadas as reuniões da Sociedade de Medicina e Cirurgia. A presidência da Sociedade Eugênica ficou a cargo de Arnaldo Vieira de Carvalho, diretor da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo fundada em 1913. Também em 1918, no dia 11 de fevereiro, foi fundada a Liga Pró-Saneamento na cidade de São Paulo. É importante ressaltar que o sanitarista Belisário Penna foi sogro do eugenista Renato Kehl, e ambos trabalharam juntos na liderança dessas instituições.

SÃO PAULO EM CENA: EXIBINDO OS IDEAIS DE SAÚDE, BELEZA E CIVILIZAÇÃO NOS ANOS 20

Em fevereiro de 1922, na cidade de São Paulo, ocorreu, no Teatro Municipal, a Semana de Arte Moderna, um evento artístico cultural que reuniu diversas apresentações de dança, música, recital de poesias, exposição de pinturas e esculturas além de palestras e discussões literárias. Embora o presente artigo não tenha como tema e objeto de análise a Semana de 22, as obras de arte nela apresentadas estavam em contraposição com o padrão das estéticas artísticas tradicionais e causaram impacto e estranhamento no público que frequentava os melhores lugares da cidade, inclusive o referido teatro. Essa repercussão ocorreu porque a mentalidade da maioria da sociedade estava moldada por valores conservadores. Conhecer os padrões morais vigentes no Brasil, ainda mais na cidade onde a Semana de Arte Moderna ocorreu, é pertinente até mesmo para entender o quanto os artistas da Vanguarda ousaram em suas manifestações artísticas e formas de comportamento.

Beleza e requinte eram sinônimos de saúde e bem-estar para aqueles que podiam desfrutar das benesses da cidade em exposição, onde as pessoas de posses financeiras saíam às ruas de São Paulo elegantemente vestidas para trocar olhares entre si e olhar as vitrines onde ficavam expostas as roupas, os sapatos, os chapéus, as luvas, as joias, os tecidos, os perfumes e os produtos de toalete que eram desejados.

Nas vitrines também estavam os doces e os salgados dos cafés e das confeitarias. O café com requinte era apreciado por aqueles que podiam pagar por ele, enquanto o café requentado dos estabelecimentos mais humildes, como o das quitandeiras, foi fiscalizado e, por ordem do serviço de sanitização e higienização, muitos foram fechados a partir do primeiro código sanitário do Estado de São Paulo promulgado no dia 2 de março de 1894.

Inspirados nos desdobramentos do primeiro código sanitário do Estado de São Paulo com o aval dos discursos médicos, as autoridades modificaram a paisagem do espaço urbano que se tornava cada vez mais moderna e civilizada, porém excludente e opressora, uma vez que diante das aparências desveladas houve mazelas não reveladas que merecem tornar-se visíveis através dos estudos citadinos mediante interlocução entre os saberes do conhecimento histórico, arquitetônico e outros.

Enquanto isso, a cidade remodelada impunha os limites entre o belo e o feio, o limpo e o sujo, o salubre e o insalubre, entre outras adjetivações discriminatórias. A arquitetura dos teatros, dos cafés e das confeitarias era imponente, o cenário foi edificado para que determinados sujeitos normatizados e com perfis de beleza idealizados tivessem visibilidade. Para que esse objetivo fosse realizado com êxito, discursos hegemônicos como o da medicina e, em especial, da eugenia, do higienismo e do sanitarismo aliados ao Estado, divulgaram valores perfeccionistas que foram formadores de simbologias a respeito da estética e do imaginário referentes à beleza feminina e masculina na Belle Époque nos espaços urbanos entre o final do século XIX e início do século XX.

Os traços dos engenheiros arquitetos redesenharam a cidade para que determinados sujeitos pudessem compor a paisagem urbana diante do processo da urbanização. Dessa forma, determinados discursos hegemônicos ditavam quais seriam a postura dos corpos, as feições das faces e a indumentária a ser usada para que, com gestos adequados, pudessem ser os homens e as mulheres os frequentadores e consumidores na cena urbana. Além disso, os teatros, os restaurantes, os cafés, as confeitarias com doces e salgadinhos requintados, as lojas de perfumes e produtos de toalete, de tecidos, de roupas, de chapéus, de luvas, de sapatos, de joias, de relógios (relojoarias), entre outros artigos como de mobiliários, tapeçarias e louças, expunham seus produtos nas vitrines para serem comprados. Os passeios para ver vitrines eram formas de ver e ser visto, ou seja, a experiência de exibir-se tomava conta das vivências daqueles que podiam pagar o preço de vestir-se bem.

Dessa forma, a cidade remodelava-se com objetivos bem definidos, nos quais para cada um dos corpos foi estabelecido um lugar.⁴ Segundo os estudos de diversos autores, a eugenia era a ciência de suma importância para a elite porque, através dessa área médica, era possível se ver livre do atraso e da incivilização. Sendo assim, progresso e civilização eram alguns dos benefícios que as ações eugênicas podiam proporcionar.

Durante a história da humanidade, vários conceitos e definições sobre a beleza foram construídos. Com base nos dicionários atuais, a definição do belo está relacionada a algo que tem forma ou aparência agradável, perfeita, harmoniosa, que desperta sentimentos de admiração, de grandeza, de nobreza, de prazer, de perfeição. Na obra “História da Beleza”⁵, Eco (2010) refere-se à beleza como algo gracioso, bonito ou sublime. Também se destaca o adjetivo maravilhoso que é usado para nomear algo agradável e benéfico. É importante ressaltar que existe uma íntima relação entre o belo e o bom em diversos contextos históricos do Ocidente. Um dos primeiros marcos históricos sobre o conceito do belo aparece nas obras platônicas, as quais tentam mostrar que o conceito do belo se relaciona com o divino, referência esta que o ser humano busca e tenta alcançar.

4 Vale ressaltar que o significado de ‘espaço’ nesse estudo é compreendido como o local físico, já o substantivo ‘lugar’ tem como significado à representação afetiva de pertencimento de classe, gênero, hábitos sociais, usos e costumes. Sobre esse assunto confira: TUAN, Yi Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

5 ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

Inseridos na Belle Époque, os corpos de homens, mulheres e outros sujeitos como crianças e idosos podem ser analisados como textos a serem lidos dentro do contexto. Os hábitos, os gestos, os usos e os costumes, as formas de se comportar nos variados espaços e lugares demarcam as classes sociais e lhes conferem identidade como, também, formas de pertencimento a um determinado grupo.

O corpo natural, em todas as sociedades, passou a ser o corpo cultural quando foi educado a adquirir gostos, gestos, formas de expressões faciais e, também, o consumo de produtos. Portanto, há diretrizes a serem seguidas que foram formuladas e divulgadas pelos discursos da hegemonia, os quais, entre eles, esteve o discurso médico tão influente até os dias atuais. Aprender a ser um modelo de beleza exigiu daquela sociedade um esforço físico e psicológico, no qual as normas são aprendidas, compreendidas, aceitas e introduzidas no modo de vida, o que pode gerar dor e sofrimento também do ponto de vista físico e psicológico quando determinados indivíduos foram catalogados como feios. Naquela época, ser feio significava ser anormal e, portanto, assim como existiam imagens construídas como modelos para a beleza/normalidade, também existiam aquelas que foram construídas para a feiura/anormalidade.

As formas de viver, habitar e se relacionar também foram discutidas pelos médicos eugenistas, higienistas e sanitaristas. Nelas são vistas os estigmas que foram formados sobre os tipos de classes e raças que estavam mais propícias a desenvolver certos tipos de enfermidades físicas, mentais, psíquicas e sociais.

Estudos na área médica já tinham conhecimento que as doenças físicas podiam ser transmitidas por bactérias, vírus ou protozoários, como também, por defeitos adquiridos na gestação ou em acidentes. As enfermidades mentais e psíquicas também podiam ser transmitidas de forma hereditária ou adquiridas durante a vida; já as doenças sociais de classificação moral como os vícios, entre eles o alcoolismo, e as venéreas como a sífilis, doença que causa problemas mentais quando está em estágio avançado, entre outras derivadas da promiscuidade, procediam da tendência que certos tipos raciais eram propensos a ter. A imagem dos anormais, dos disgênicos, dos indesejáveis foi muito bem estruturada, assim como a necessidade de sua eliminação. Dessa forma, é importante entender que para vestir e embelezar a cena contemporânea daquela época na cidade de São Paulo, assim como em outros centros considerados civilizados, era necessário eliminar o anormal, o disgênico, o incivilizado.

Algo que merece ser estudado quando se fala em beleza física é a possibilidade de haver, também, sutilidades na execução de violências, as quais podem vir veladas quando dialogam com a sociedade, mas que não deixam de produzir sofrimento. Os discursos médicos, em especial àqueles da eugenia, do higienismo e do sanitarismo, foram produzidos em linguagens técnicas, nas quais seus interlocutores eram pessoas de níveis intelectuais que compartilhavam do ideal para compor o cenário de uma sociedade burguesa. No entanto, os ideais de civilidade chegavam à vida privada e social através de propagandas

e ensinos que perpassavam desde as reformas arquitetônicas da cidade e chegavam até aos procedimentos higiênicos do corpo, das residências e, também, sobre as maneiras de se alimentar, de dormir, de se relacionar afetivamente e sexualmente, entre tantas outras formas normativas que exalavam benefícios ao corpo, à mente e às emoções. Ser um sujeito belo, e estar sempre na condição de ser considerado como tal, foi, para muitas pessoas, uma condição de ser e estar feliz ao contrário de muitos que não conseguiam estar dentro dos padrões considerados civilizados.

É muito importante dizer que os padrões de beleza veiculados na sociedade através de modelos em formas de biotipos corporais e faciais para homens e mulheres foram elaborados através de discursos pensados por uma elite intelectual formada por um grupo de profissionais que, além da medicina, tinham ações políticas e atuavam como intelectuais engajados na formação do pensamento nacional.

Discursos produzidos, discutidos e divulgados entre os pares da inteligência brasileira no final do século XIX e início do século XX chegaram ao cotidiano social através de outras formas discursivas, de maneira que as interlocuções fossem propagadas de forma convincente e sedutora, e um dos recursos utilizados foi a propaganda publicitária nos periódicos da época .

É bastante interessante notar que a anatomia humana também foi exposta e dissecada nas revistas e almanaques quando o assunto era beleza. Entretanto, como os corpos estavam sempre vestidos devido aos padrões de recato do período, era o rosto, a boca, os dentes, os cabelos, as orelhas e as mãos que ficavam expostos, o que não significa que o corpo não tivesse incluído em rituais de beleza, como a postura, os gestos e a indumentária.

Os modelos de beleza e o seu oposto estiveram alicerçados nos padrões europeus e/ou estadunidenses já no início do século XX. De forma vertical os discursos hegemônicos foram produzidos no meio acadêmico e distribuídos na imprensa periódica. Segundo a obra “A cura da fealdade”, Renato Kehl (1923) aponta que:

A eugenia considera belleza normalidade; normalidade esta somática, psyquica e moral. Dentro deste objectivo, admittem os eugenistas, como bello todo o individuo dotado de saúde, vigor e robustez e que apresente uma compleição physica e psyquica normaes. (...)A fealdade, por sua vez, corresponde a anormalidade, a desproporção, a desharmonia. Não pode ser considerado bello o individuo tarado ou doente. A eugenia não admite a dissociação das qualidades somáticas e outras. Um imbecil plasticamente perfeito não é considerado bello, sob o ponto de vista eugênico. (KEHL, 1923, p. 5 e 27).

Os escritos de Kehl expressam um discurso que se mostra científico e que vai além da aparência, já que o autor fez questão de mostrar que estava embasado cientificamente e que supera a estética corporal considerando-a como superficialidade. Ao usar os termos *dysgenesia* (anormal) e *cacogenia* (degenerado), com base no pensamento eugênico

internacional do século XIX quando menciona o cientista Francis Galton, justifica ser necessário curar o feio que, além da aparência, possuía também distúrbios psíquicos. Assim como nos discursos sobre o urbanismo, a cidade bela e limpa representa, também, a cidade saudável e civilizada. Sendo assim, o corpo humano belo, higienizado e desodorizado traz consigo a representação da saúde e da civilização.

A palavra fealdade passou a ter o conceito de doença e, para os médicos, após ser diagnosticada no indivíduo, ela precisava ser combatida, tratada e curada. As doenças pertencem a um determinado corpo, e este, portanto, acaba sofrendo a intervenção do ato médico. Foi o que ocorreu com os corpos estigmatizados como feios, sobre os quais é pertinente enfatizar o que os discursos médicos diziam, uma vez que as etnias afrodescendentes, as classes sociais de menor poder aquisitivo e, também, aqueles que viviam nas áreas rurais, possuíam em seus corpos as enfermidades de ordem física, psíquica e moral. Além disso, a exaltação à juventude como sinônimo de beleza também foi bastante significativa para o período.

Sendo assim, o ser humano que fosse miscigenado com ascendência e/ou descendência das etnias de origem africana e/ou indígena e que estiveram imersos na pobreza foram estigmatizados como anormais e, portanto, feios. Outros sujeitos com deformidades físicas e/ou mentais, entre outras questões abordadas anteriormente, também foram classificados como tal. A intervenção do ato médico eugênico, higiênico, e sanitário foi muito bem embasada em estudos. Para isso, esses profissionais divulgaram suas ideias e ações entre seus pares através dos boletins, artigos em revistas, jornais, livros, cartas, apresentações em congressos, entre outros. No entanto, os saberes construídos extrapolaram limites da comunidade científica e invadiram a sociedade do referido período. Houve uma espécie de onipresença e onipotência dos discursos das especialidades médicas mediante o cenário do corpo citadino já reformado arquitetonicamente. Portanto, foi no corpo humano que a atenção da medicina se voltou.

Com base nos discursos hegemônicos, em especial o da medicina, as propagandas de produtos de toalete ofereceram ações de embelezamento e, com isso, a modificação do corpo como se fosse um tratamento contra a feiura mediante os padrões pré-estabelecidos embasados na ciência médica .

Para compor a paisagem naquele contexto, as imagens das principais cidades europeias, entre elas Paris e Londres, foram fundamentais para a formação do imaginário sobre os conceitos de civilização e modernidade, estes que deveriam ser concretizados em hábitos corporais de higiene, beleza e saúde que passaram a formar a mentalidade do que era estar inserido dentro daquele paradigma.

De acordo com o que foi considerado fealdade, isto é, estar em desproporção e desarmonia com os padrões pré-determinados, no imaginário construído sobre a beleza encontra-se o seu reverso. As imagens de beleza passaram a projetar o conceito do corpo e do rosto belo com os quais muitos sujeitos eugenizados identificaram-se e, também,

procuravam aprimorar cada vez mais na sua aparência, já que o conceito de beleza estava associado à saúde e à normalidade. Aos outros que não puderam ver seus rostos e seus corpos representados, restava a exclusão atrelada à concepção da feiura.

Os discursos hegemônicos durante o século XIX e início do século XX formaram um império que invadiu os corpos, agregando-os à necessidade de adquirir e/ou melhorar a saúde e a beleza e, conseqüentemente, o retrato da identidade nacional através de imagens. Anne McClintock, em sua obra *Couro Imperial. Raça, Gênero e Sexualidade No Embate Colonial*⁶, compara a dominação racial sobre os corpos como uma espécie de “império do sabonete”, expressão que a autora utiliza para explicar sobre o racismo mercantil e a propaganda imperial derivada do imperialismo europeu e estadunidense. O Brasil também recebeu tais influências, as quais moldaram os corpos, os rostos e os gestos que se apresentaram idealizados na iconografia do período, em especial, nas propagandas publicitárias dos produtos para os cuidados da higiene e saúde e que, por consequência, prometiam o alcance da beleza aos seus consumidores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“A Paulicéia Desvairada”, título da obra de Mário de Andrade, expressou o contraste entre a cidade como o lugar de festejos multiculturais e de vanguarda e a cidade como o lugar permeado pela dominação capitalista manifesta através da moral conservadora, racista, elitista e excludente, na qual os ideais de beleza traziam significados sobre a saúde, a higiene, a civilização e o progresso manifestados no corpo citadino e no corpo humano forjados pelos discursos hegemônicos apresentados na presente reflexão.

Através de metáforas, a referida obra trouxe para a cena personagens que representam os grupos sociais e, também, os indivíduos que sofreram com a segregação e estiveram envolvidos pela pobreza como é o caso das mulheres, dos afrodescendentes, dos operários, dos imigrantes, entre outros sujeitos. Outros artistas envolvidos com o movimento modernista na época, diante das especificidades e multiplicidades de suas obras que foram além da literatura, também denunciaram e evidenciaram o desvario, ou seja, a incoerência da cidade que se pretendia moderna e civilizada diante de tantos retrocessos e violências.

Embora o presente artigo não tenha analisado o modernismo e nem as suas expressões artísticas em profundidade, é impossível não se deparar com o referido movimento no contexto histórico de análise, o qual gerou impactos na época devido às expressões artísticas que confrontaram através da contradição a idealização social almejada pelas hegemonias.

6 McCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial. Raça, Gênero e Sexualidade no Embate Colonial*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

REFERÊNCIAS

DIWAN, Pietra. **Raça Pura**: Uma história da Eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ESPINHEIRA, Cândido; BOURROUL, Paulo. **Relatório do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo sobre a organização sanitária do Estado, cap. III - Do Isolamento – Remoção de contagiados – 1894**. Arquivo Histórico do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas.

KEHL, Renato. **A Cura da Fealdade. Eugenia e Medicina Social**. São Paulo: Editora Monteiro Lobato & Co-Editores, 1923.

KEHL, Renato. **Como escolher uma boa esposa**. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & C. 1925.

McCLINTOCK, Anne. **Couro Imperial. Raça, Gênero e Sexualidade no Embate**

MORIN, Edgar. **Cultura de Massas no século XX**. O espírito do Tempo, neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças**. Cientistas, Instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: Difel, 1983.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Antropologia 49

Aprendizagem histórica 1, 4, 5, 6, 7, 9, 130

Argentina 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47

B

Beleza 68, 104, 105, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Brasil 1, 2, 6, 12, 13, 15, 16, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 29, 31, 51, 52, 57, 58, 104, 106, 108, 109, 114, 115, 116, 118, 119, 121, 122, 126, 128, 129, 130

C

Centenário 30, 31, 32, 33, 42, 44

Charges 116, 124, 128

Cidade 10, 11, 26, 40, 54, 74, 77, 81, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 117, 119, 120, 122, 123, 124, 126, 128, 129, 130

Conceitos históricos 1, 3, 4, 5, 9

Controle 57, 63, 65, 88, 90, 95, 98, 99, 100, 102, 103, 126

Corpo 24, 65, 68, 88, 90, 104, 105, 106, 111, 112, 113, 114

Covid-19 51, 116, 117, 118, 119, 120, 122, 126, 128

Cultura 2, 3, 4, 9, 25, 26, 32, 34, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 63, 65, 66, 77, 97, 100, 115, 130

D

Docente 1, 2, 3, 15, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 39, 130

E

Educação 1, 2, 3, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 39, 42, 46, 59, 95, 99, 105, 106, 128, 130

Ensaios 71, 73, 74, 75, 79, 82, 84, 85

Ensino de História 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 12, 13, 14, 21, 28, 29

Escrita 5, 10, 31, 35, 73, 74, 75, 82, 83, 84, 87, 116, 117

Exílio 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 85

F

Feira de Santana 88, 90, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 103

Feminina 61, 66, 71, 110, 123

Fiscalização 88, 97, 100, 101, 102, 103

Formação de professores 14, 15, 17, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28

H

História 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 33, 35, 37, 38, 43, 48, 49, 51, 55, 59, 60, 61, 62, 63, 72, 73, 74, 75, 76, 84, 85, 86, 88, 100, 101, 104, 108, 110, 115, 116, 117, 121, 128, 130

Histórico-cultural 48, 50

I

Igreja 39, 51, 52, 54, 60, 61, 63, 64, 65, 69

Independência 30, 31, 43, 64

J

Jornal 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 119

L

Linguagem 34, 36, 61, 66, 70, 73, 75, 76, 79, 80, 81, 82, 84, 85, 86

M

Medieval 60, 61, 62, 64, 66, 69, 70, 71, 72

Memória 4, 5, 7, 10, 31, 32, 49, 54, 59, 98, 120, 130

Modernização 88, 89, 90, 96, 99, 126

N

Neoliberalismo 15, 28, 29

P

Patrimônio 4, 5, 11, 12, 22, 38, 47, 48, 50, 54, 55, 58, 59

Pertencimento 12, 31, 32, 48, 50, 73, 75, 79, 80, 81, 82, 84, 86, 110, 111, 121

Poder 2, 39, 40, 48, 50, 56, 60, 62, 63, 64, 66, 71, 84, 85, 86, 89, 99, 100, 102, 105, 107, 113

Política pública 49

Professores 2, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 34

R

Representações 6, 49, 52, 88, 89, 116, 117, 121, 122, 127, 128

Resistência 3, 4, 60, 61, 66

Rio de Janeiro 14, 29, 59, 87, 104, 106, 108, 110, 115, 122, 123, 126, 128

S

Sanitarismo 89, 104, 105, 107, 108, 110, 111

São Paulo 13, 28, 45, 71, 72, 86, 100, 101, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 115, 128, 129

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

2



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

HISTÓRIA: REPERTÓRIO DE REFERÊNCIAS CULTURAIS E HISTÓRICAS

2

